

Docência, aprendizagem e sucesso académico¹

José Tavares

Universidade de Aveiro

De aluno, estudante a engenheiro bem sucedido através da docência e da aprendizagem parece ser o caminho para adquirir as competências gerais e específicas que deverá adquirir e construir um futuro engenheiro agrónomo para ser um bom profissional. Será esta, de facto, a construção identitária que se pretende realizar durante o tempo de formação na academia? Como realizá-la? Eis a questão.

Nesta intervenção, gostaria de concentrar a minha análise e reflexão na articulação entre docência, aprendizagem e sucesso académico numa perspectiva de maior eficácia e inovação chamando a atenção de todos os presentes para uma transformação urgente dos sistemas de formação no ensino superior e, designadamente, dos processos de ensino aprendizagem. É tempo de passar à acção e não ficar apenas nos estudos, na teoria e nos discursos.

A esta luz, convido os colegas a examinar e a reflectir sobre os pontos que, a seguir, irei desenvolver muito sucinta e sinteticamente.

¹ Texto proferido numa conferência na Escola Superior Agrária de Ponte do Lima no dia 18 de Maio de 2005, no Seminário De aluno a Engenheiro. Docência e Aprendizagem.

1. Observações preliminares

Antes de entrar propriamente em cada um dos campos conceptuais ou semânticos que nos propomos considerar conviria avançar algumas notas sobre os temas que irão ser apresentados e debatidos neste seminário que se encaixam numa lógica do menos para o mais geral em termos de compreensão e extensão dos conceitos em análise, a saber, do sucesso e insucesso do ensino e aprendizagem em Engenharia, 1º tema, para o ensino e aprendizagem no ensino superior, 2º tema, convergindo, por sua vez, os dois temas para a mesa redonda sobre a avaliação da aprendizagem no final da jornada que, com certeza, irá fechar com chave de ouro as actividades do presente seminário. Não posso, por isso, deixar de felicitar, na pessoa do senhor engenheiro Marinho Cardoso, a organização deste seminário pela clareza da apresentação da temática e sua grande oportunidade para um debate que o Senhor Presidente da República acaba de recolocar em cima da mesa e de interpelar directamente as instituições do ensino superior, os seus principais responsáveis e actores nos processos de formação, ainda que numa linguagem que não me pareceu muito ajustada pondo directamente em cheque o esforço e o trabalho que vem sendo feito por muitos profissionais e os alunos que as integram metendo tudo no mesmo saco. Penso que a indignação traduzida nessas frases é recorrente e poderia facilmente ser aplicada a muitas outras instituições públicas e privadas a começar pela Presidência da República, pelo Governo ou pelas Oposições. Não gostei, efectivamente, do estilo embora saiba que existem muitos problemas no ensino superior sobre muitos dos quais temos feito incidir a nossa investigação e intervenção de há uns bons anos a esta parte. As conclusões da investigação sobre esta temática, porém, temo-lo igualmente repetido oralmente e por escrito, a nível nacional e

internacional, estão tiradas, pelo menos, quanto ao diagnóstico e exigem que se passe rapidamente à acção intervindo eficazmente na transformação das instituições do ensino superior de um modo determinado, eficaz e consistente, para que não se continue a perguntar: o que andam a fazer as universidades e os politécnicos e demais escolas do ensino superior?, não obstante, o esforço e empenho de um bom número entre os quais muitos do que estão aqui certamente se incluem. É esta ideia que não poderei deixar de acentuar nesta minha intervenção por convicção e experiência de alguns anos em que em que me venho dedicando a estas matérias não apenas pessoalmente mas com uma equipa de investigadores de mestrado, doutoramento e assistentes de pesquisa que me têm acompanhado neste trabalho com entusiasmo e muita determinação.

2. Sucesso académico, noção, exigências e implicações

A noção de sucesso académico deverá ser tomada no seu sentido mais amplo e profundo. Ou seja, no sentido de envolver as diferentes dimensões da pessoa humana em desenvolvimento e não apenas os aspectos escolares ou cognitivos. Sucesso académico pressupõe a optimização do desenvolvimento que cada estudante deverá atingir na parte cognitiva, afectiva, volitiva, social, cultural e axiológica. É no desenvolver de todas as suas capacidades e na sua transformação progressiva em competências gerais e específicas cognitivas e meta-cognitivas, comportamentais e comunicacionais que se encontra, de facto, o segredo e o sentido do sucesso. A educação, a formação, a docência e a aprendizagem têm de ser vistas em termos de desenvolvimento e na sua activação permanente em que a inovação, a criatividade, a motivação, o entusiasmo, o empreendimento esclarecido e constante terão que ser não apenas um estado de alma,

de espírito mas envolver também um corpo individual e social como um todo bem equilibrado e ajustado, ancorado nos diferentes contextos micro, meso, exo, macro, crono e cairo sistémicos em que toda a acção humana se deverá situar. Procurar a qualidade e a excelência não é só uma implicação desse estado de alma e de corpo individual e social mas uma exigência de todos aqueles que compreenderam e assumiram que as suas capacidades, a sua vida não podem deixar de estar envolvidas neste processo de construção pessoal e social ou co-construção de competências cognitivas, comportamentais e comunicacionais a um nível mais geral ou específico. Será, nesta dinâmica, que é possível garantir não só o desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos mas também o seu futuro desenvolvimento profissional.

Penso que, hoje, todos estamos conscientes e convencidos desta realidade que nos envolve, nos instiga e nos inquieta de uma maneira incontornável. Não vale a pena continuar a perguntar o que é isso de sucesso académico, como se diferencia de sucesso escolar, familiar, social, educativo, etc. Seria continuar a perder o tempo em querer saber aquilo que começa a ser óbvio para toda a gente. Os estudantes, os professores, as instituições, os responsáveis pelas escolas terão sucesso académico se desenvolverem todas as suas capacidades e as forem transformando com esforço, entusiasmo e criatividade em verdadeiras competências gerais e específicas susceptíveis de virem a traduzir-se eficazmente no seu desenvolvimento profissional. É tão simples como isso.

3. Aprender e ensinar, constituição de equipas de formadores e alunos e comunidades de aprendizagem

Esta é outra ideia que começa a ganhar força e actualidade nas sociedades dos nossos dias mas que também não é novidade para ninguém, pelo menos, em termos conceptuais. Aprender e ensinar é uma realidade eminentemente pessoal e social. Embora todos tenham que aprender por si próprios não podendo encomendar este trabalho aos outros, terão, com certeza, de fazê-lo social e solidariamente aprendendo uns com os outros, os mais novos com os mais velhos, os que sabem menos com os que sabem mais de uma maneira responsável e colaborativa mais ou menos organizada. Esta é uma realidade que nas sociedades emergentes, em virtude das transformações que estão a implicar as NTIC, assume uma importância ainda mais determinante. Por isso, hoje, aprender e ensinar pressupõem a constituição e formação de equipas de formadores, professores e alunos em verdadeiras comunidades de aprendizagem. Talvez, o sucesso académico que abordamos, no ponto anterior, não seja realmente possível sem repensar e organizar as aprendizagens e a docência em moldes substancialmente diferentes em que a constituição e formação de equipas é, na realidade, de uma importância crucial. Este é, seguramente, um dos principais desafios que se coloca a todos aqueles que se ocupam e preocupam, hoje, com os problemas da formação e inovação no ensino superior.

A constituição, preparação e formação destas equipas ou comunidades de aprendizagem a níveis de organização mais ou menos desenvolvidos não é uma tarefa nada fácil. É, preciso, por um lado, ter possibilidade de escolher as pessoas certas o que esbarra de imediato com os sistemas instituídos e os direitos adquiridos. Por outro lado, é

necessário repensar e reorganizar a formação ao nível dos espaços, dos tempos, dos métodos, dos conteúdos, das disciplinas e dos próprios planos de estudo em função dos objectivos que se pretendem atingir, de uma maneira diferente em que tudo, no fundo, se deverá resumir ao desenvolvimento de capacidades e competências gerais e específicas dos formandos no sentido de se desenvolverem progressiva e correctamente e serem, mais tarde, bons profissionais. Trata-se de uma tarefa e de um desafio, sem dúvida, gigantescos. Em minha opinião, a constituição e preparação de equipas de formação bem alicerçadas na investigação é a verdadeira pedra de toque para um maior sucesso dos alunos, dos professores e das próprias instituições. Mas nisto, como em outras muitas situações, teremos que ir para além das palavras e das boas intenções e ser determinados e consequentes. De contrário, ninguém nos levará a sério e os resultados continuarão a não ser muito visíveis e a possibilitar desabafos de indignação como os do Senhor Presidente da República: que é que andam para aí a fazer as instituições do ensino superior!

4. Envolvimento dos professores e dos alunos colaborativa e responsabilmente em verdadeiras “empreitadas” de aprendizagem

Este é outro grande desafio que me coloco, também, de alguns anos a esta parte, que exigirá uma atenção especial e para o qual me parece que urge encontrar uma resposta adequada e rápida. A docência e as aprendizagens continuam manietadas em virtude de uma estrutura rígida e obsoleta de que não se conseguem libertar que se designa normalmente por natureza da leccionação em aulas teóricas, teórico-práticas, práticas ou laboratoriais em que o espartilho dos espaços e do calendário escolar dificulta ou impossibilita muitas iniciativas,

porventura, mais dinâmicas e eficazes que se poderiam concretizar. Teimamos, na realidade, com Bolonha ou sem Bolonha, em manter-nos num sistema esgotado, não obstante os discursos e os anúncios oficiais e officiosos que se têm feito e as comissões que se têm sucedido para estudar o assunto. É urgente nas instituições do ensino superior organizar o serviço docente, os calendários escolares, a disponibilização dos espaços e dos tempos, os conteúdos, as actividades lectivas, os modos de trabalhar dos professores e dos alunos, a avaliação de forma diferente em que os professores e os alunos possam verdadeiramente produzir, desenvolver e aplicar o conhecimento. Aprender e ensinar ou ajudar a aprender terão que ser uma verdadeira construção e aplicação pessoal e social ou co-construção de conhecimento e de vida em que professores, alunos e outros agentes educativos se deverão envolver, por inteiro, de forma esclarecida, responsável, entusiasta, criativa, autónoma e colaborativa. Esta co-construção exige, insisto, uma outra forma de ensinar e aprender, trabalhar dos professores e dos alunos e uma organização dos conteúdos, dos métodos, dos espaços e dos tempos, dos calendários, distinta. Ou seja, um trabalho em equipa, como referíamos acima, em verdadeiras "empreitadas", como nos apraz dizer, entre professores e alunos numa abordagem inter e transdisciplinar dos assuntos seleccionados e organizados de acordo com os objectivos de formação dos programas e dos planos de estudo. Muitas das investigações e dos estudos que se têm realizado indicam que um trabalho organizado e realizado dentro destes parâmetros é preditor de sucesso académico. Porquê, então, adiar ou, por ventura, evitar, por mais tempo, este caminho nas instituições de formação do ensino superior?

Será por receio, por inércia, por comodidade? Será porque não é possível constituir equipas de formação e investigação inter e transdisciplinares que possam abordar conjuntamente determinadas

matérias que atravessam diferentes disciplinas quer do ponto de vista da sua compreensão teórica quer da sua aplicação em verdadeiras “empreitadas” de trabalho conjunto e colaborativo e ajustar os próprios calendários e a gestão dos espaços e dos tempos a essa forma de aprender e ensinar? Continuamos à espera de quê para tentar concretizar, de um modo organizado e consistente estas experiências que se afiguram muito mais realísticas e viáveis? Não será possível organizar as matérias das diferentes disciplinas por temáticas transversais de um modo articulado trabalhando com os alunos em espaços diferentes, com equipas de professores de diferentes matérias ou especialidades que assegurem a tarefa de ajudar os alunos na sua exploração, assimilação, compreensão e aplicação das diferentes temáticas seleccionadas quer em sessões gerais e mais teóricas quer em sessões específicas, experimentais ou aplicadas de acordo com uma organização previamente estabelecida e constantemente actualizada sobre a própria execução e avaliação?

Por exemplo, os alunos que numa determinada temática tenham que compreender e aprofundar problemas de química ou de matemática ou de física ou de biologia ou de engenharia, poderão dispor na equipa docente de um professor que os possa ajudar de um modo efectivo em qualquer dessas tarefas. Mas para um trabalho inter e transdisciplinar desta natureza e com este nível de exigência é necessária uma organização dos programas das diferentes disciplinas e dos planos de estudo, dos espaços lectivos, dos tempos e das equipas de professores e de alunos de uma forma bem diferente da tradicional. Esta nova modalidade de ensinar e aprender dos alunos e dos professores exige, por outro lado, instituições de formação e de investigação pensadas, organizadas e geridas de uma maneira diferente. Também aqui os problemas são quase intransponíveis porque a inércia é enorme e asfixiante. Urge, pois, proceder, não só à

constituição e formação de equipas de alunos e professores e outros agentes educativos, da organização dos espaços e dos tempos, dos conteúdos e dos métodos de ensino-aprendizagem, da reorganização dos programas das disciplinas e dos planos de estudos em temáticas inter e transdisciplinares, mas também da transformação profunda das próprias instituições na sua forma de organização e gestão. Será isto possível? Se é, porque não avançar rapidamente para a sua concretização?

5. Transformação, ou até, a transmutação dos sistemas e dos contextos

Hoje, é uma constatação, normalmente aceite que o sucesso académico é o resultado do concurso de múltiplos factores que, por sua vez, se constelam em torno de cinco grandes vectores, os docentes, os alunos, o currículo, as instituições e os contextos mais alargados em que toda a acção se desenrola, as ideologias, as políticas, os valores, as culturas, as crenças, os preconceitos, etc. São, efectivamente, todos estes vectores que terão que ser repensados e transformados e, eventualmente, transmutados quer ao nível sistémico quer contextual. Aliás, todas as considerações deixadas nos pontos anteriores desta nossa reflexão não fariam qualquer sentido nem teriam a mais ínfima consequência se esta transformação/transmutação não se verificasse de facto.

Esta é, porém, outra ideia-chave que gostaríamos de sublinhar, pois, tem sido ela que, em grande medida, mobiliza e determina as equipas de formação e investigação que tenho tido a sorte e o prazer de liderar ao longo de vários anos e em que se produziram já um considerável conjunto de diferentes estudos e investigações de que as

comunicações apresentadas em congressos nacionais e internacionais, os artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, os trabalhos online e as dissertações de mestrado e doutoramento dão conta. Para mais informações sobre o trabalho e o esforço realizados veja-se: <http://www.dce.ua.pt/leies>. Embora estes estudos e trabalhos tenham incidido, num primeiro tempo, mais a nível de diagnóstico a sua transposição para a acção e intervenção nos processos de formação numa perspectiva de maior sucesso académico dos alunos, dos professores e das próprias instituições para uma maior inserção dos seus diplomados na sociedade tem sido o seu objectivo maior.

É nesta senda que pretendemos continuar porque estamos convencidos que é por aí que será possível transformar ou transmutar os sistemas de formação e de investigação e os seus contextos mais ou menos alargados e repensar, organizar, executar e avaliar os processos de ensino-aprendizagem em moldes de maior qualidade e excelência que sejam preditores, na realidade, de um maior sucesso académico de todos os actores do processo, das próprias instituições e da sociedade em geral.

6. Conclusões e questões para reflexão

Como conclusões desta breve reflexão poderíamos destacar as seguintes:

- 1) O sucesso académico no ensino superior exige uma concepção, uma atitude e uma organização e gestão distintas dos processos de ensino-aprendizagem;

- 2) Esta nova realidade não será exequível sem uma articulação correcta e eficaz dos seus principais actores: Professores, alunos outros agentes educativos;
- 3) Os currícula, as instituições formadoras e os contextos de formação mais ou menos alargados e complexos terão que ser repensados e profundamente alterados;
- 4) É necessária a constituição e a preparação de equipas de formação e de pesquisa adequadas e eficazes;
- 5) Para isso é necessária uma nova cultura académica.

Gostaria ainda de deixar algumas questões que normalmente se levantam na abordagem destes problemas e que nos poderiam ajudar a melhor perceber a importância da matéria em debate:

- 1) Porquê continuar a fazer diagnóstico e não ir decididamente para a intervenção?
- 2) Será que não é possível reorganizar rapidamente noutros moldes a natureza da leccionação em aulas teóricas, teórico-práticas e práticas ou laboratoriais reorganizando, em conformidade, a actividade docente?
- 3) Porque que não se constituem verdadeiras equipas de ensino-aprendizagem que trabalhem em verdadeiras “empreitadas” de alunos e professores de um modo mais colaborativo e responsável?
- 4) O que é que falta fazer, de facto, para a transformação ou transmutação das instituições do ensino superior em Portugal?

7. Referências bibliográficas

- ↑ Tavares, J. (1996). *Uma Sociedade que Aprende e se Desenvolve. Relações Interpessoais*. Porto: Porto Editora.
- ↑ Tavares, J. (2003). *Formação e Inovação no Ensino Superior*. Porto: Porto Editora.
- ↑ Tavares, J. & Santiago, R. A. (2001). *Ensino Superior. (In)sucesso Académico*. Porto: Porto Editora.
- ↑ <http://www.drury.edu/ess/irconf/JBarr.html> (webgrafia)